



HISTÓRIA DA PRIMEIRA REPÚBLICA PORTUGUESA



Fernando Rosas
Maria Fernanda Rollo
(coord.)

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXI

ÍNDICE

© 2009, Maria Fernanda Rollo, Fernando Rosas
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *História da Primeira República Portuguesa*
Coordenadores: Maria Fernanda Rollo e Fernando Rosas
Autores: AAVV
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Vera Tavares

Edição de Bolso
1.ª edição: Setembro de 2010
2.ª edição: Abril de 2011
ISBN 978-989-671-051-4
Depósito Legal n.º 326128/11

Introdução	9
PARTE I. A QUEDA DA MONARQUIA	13
A crise do liberalismo oligárquico em Portugal, <i>Fernando Rosas</i>	15
A contestação a partir «de baixo» — As pressões vindas «de cima» — Uma crise prolongada	
Da insustentabilidade do modelo à crise do sistema, <i>Maria Fernanda Rollo</i>	27
<i>Finis Patriae</i> — «Uma granja e um banco: eis o Portugal, português» — Bancarrota	
O assalto ao poder, <i>João B. Serra</i>	43
PARTE 2. A REPÚBLICA (1910-1918)	53
O 5 de Outubro, <i>João B. Serra</i>	55
O republicanismo, <i>Maria Alice Samara</i>	61
Várias vozes e diferentes repúblicas — Em que país nasceu o Partido Republicano Português? — A galáxia republicana — Ser republicano — O país republicano — Como se podia fazer a República?	
A sociedade, <i>David Pereira</i>	79
A população — O mundo rural — O mundo urbano	
A evolução política (1910-1917), <i>João B. Serra</i>	93
O Governo Provisório — As eleições — A divisão dos republicanos — A hegemonia do Partido Democrático — A guerra — O sidonismo	
A questão religiosa: Estado, Igreja e conflitualidade sócio-religiosa, <i>Vitor Neto</i>	129
A oposição ao Estado católico — A separação entre a religião e a política — A oposição dos bispos — As clivagens no baixo clero — As associações culturais — Fátima — A aproximação do Estado à Igreja	

A questão social: à espera da «Nova Aurora», <i>Maria Alice Samara</i>	149	Portugal nas trincheiras: os combatentes portugueses em França (1917-1919), <i>Isabel Pestana Marques</i>	301
A questão social — Republicanos e trabalhadores — Grandes esperanças: a revolução republicana de 5 de Outubro de 1910 — A difícil relação entre os operários organizados e a República — A organização operária — Monsanto: armar o povo para lutar pela república		A economia de guerra: a frente interna, <i>Ana Paula Pires</i>	319
A educação, <i>Maria Cândida Proença</i>	169	A previsão é o grande segredo do êxito — Uma economia em armas à espera da guerra — <i>Portugal, so far, has come very well through the strain of war conditions</i> — A guerra — Parêntesis — Economia de guerra — Legislação sobre subsistências públicas — Cronologia da economia de guerra	
O ideário educativo — A formação cívica na escola republicana — O ensino primário — O ensino secundário — O ensino superior — O crescimento do ensino feminino — A instrução popular — A profissão docente		A memória da guerra, <i>Silvia Correia</i>	349
A política financeira, <i>Maria Eugénia Mata</i>	191	Portugal e o prorrogamento de uma urgente construção memorial — A cultura de guerra: da consagração dos mortos à perpetuação espacial e temporal do «Mito» — A insustentabilidade do «Mito da Experiência de Guerra» em Portugal	
A questão colonial, <i>Maria Cândida Proença</i>	205	Sidonismo e restauração da República. Uma «encruzilhada de paixões contraditórias», <i>Maria Alice Samara</i>	371
O Império: mito e realidade — A organização administrativa — Projectos de colonização — Os problemas financeiros — A rede de transportes — O desenvolvimento económico — A mão-de-obra indígena		O golpe sidonista ou a confluência de vários descontentamentos — O presidente da República que não era um «político» — «Viva a República Nova», ou a ilusão de um recomeço — A solidão do poder e o endurecimento do regime — «Verdes» e «vermelhos» — A morte de Sidónio Pais e o fim do regime	
Paradigmas frustrados: perseguição e fuga da modernidade e do progresso, <i>Maria Fernanda Rollo</i>	229	A paz e o Tratado de Versalhes, <i>Filipe Ribeiro de Meneses</i>	397
O país da revolução — O dia seguinte — Planos desencontrados, entre reformismo e realismo		PARTE 3: A GUERRA	245
		A República e a Grande Guerra, <i>Fernando Rosas</i>	247
		O conflito mundial, <i>Ana Paula Pires</i>	249
		Um conflito global nas fronteiras de um mundo a preto-e-branco — Universalismo — Preparação — Guerra — Cronologia da Primeira Guerra Mundial	
		Intervencionistas e anti-intervencionistas, <i>Filipe Ribeiro de Meneses</i>	267
		A União Sagrada, <i>Filipe Ribeiro de Meneses</i>	277
		Portugal e a guerra nas colónias, <i>Aniceto Afonso</i>	287
		Portugal em África — A guerra em África	
		PARTE 4: A NOVA REPÚBLICA (1919-1926)	407
		A República do pós-guerra, <i>Fernando Rosas</i>	409
		Nova estratégia para a República, <i>Ana Catarina Pinto</i>	411
		Sob o signo da conciliação — O projecto de formação de um bloco central	
		A ofensiva operária, <i>Joana Dias Pereira</i>	421
		A transformação política da República: o bloco radical, <i>Ana Catarina Pinto</i>	441
		O processo de formação do bloco radical e as suas manifestações — Ideário e programa da esquerda republicana	

A transformação política da República: o PRP dos «bonzos», tempo dos deuses menores, <i>Luís Farinha</i>	463
A República caiu? «Há males que valem por bem» — A refundação falhada e a República radical: o tempo das cisões (1919-1921) — A República conservadora: o tempo dos «bonzos» (1922-1923) — A República «esquerdista»: o tempo dos «canhotos» (1924-1925) — A República moribunda: em busca do «Governo extraordinário de competências» (1925-1926)	
A transformação política da República: as direitas da direita antiliberal, <i>Ernesto Castro Leal</i>	485
Fundamento nacionalista — Versões ideológicas e políticas	
A questão colonial, <i>Maria Cândida Proença</i>	503
Uma nova organização administrativa — Dificuldades económicas e financeiras — Norton de Matos em Angola — Brito Camacho em Moçambique — As difíceis relações internacionais	
Economia e inovação: derivações em cenário de crise, <i>Maria Fernanda Rollo</i>	523
Depois da guerra — Crise e reorganização	
A caminho do 28 de Maio, <i>Luís Farinha</i>	535
Porque caiu a República? — A democratização do regime: uma democracia de massas? — Tentativas e impossibilidades — A conspiração permanente: como mudar de fórmula? — A <i>débauche</i> das elites republicanas — A Ditadura é inevitável	
PARTE 5. EPÍLOGO: O FIM DA PRIMEIRA REPÚBLICA, <i>António Reis</i>	569
Cronologia breve	583
Bibliografia	593
Índice onomástico	599
Notas biográficas	609

Introdução

O centenário do regicídio, em 2008, deu lugar ao reaparecimento e à reafirmação de uma corrente a meio caminho entre a história e a política, de forte cunho ideológico monárquico-conservador, por vezes enfaticamente promovida em alguns *media*, que, na realidade, constitui uma reedição quase *ipsis verbis* do discurso propagandístico do Estado Novo sobre a Primeira República.

A Primeira República é aí apresentada, melhor dizendo, é aí demonizada, como nos tempos áureos do Secretariado de Propaganda Nacional e dos plumitivos integralistas convertidos ao salazarismo, como uma realidade simultaneamente a-histórica e anti-histórica.

A-histórica, porque era inexplicável à luz das realidades sociais e políticas do país, não tinha raízes nelas e muito menos as reflectia. Não possuía base social relevante — o alegado carácter «pequeno-burguês» da revolução republicana era uma mistificação marxizante fora de moda... —, pois o republicanismo era pouco mais do que uma conspiração maçónica-radical de alguns intelectuais urbanos subversivos, sedentos de poder e carentes de escrúpulos e de responsabilidade, a quem umas sabradas a tempo, como prometera João Franco, teriam metido facilmente na ordem. E, não sendo reconhecido um programa económico e social digno desse nome ao republicanismo, as suas aspirações — pretensamente democratizantes — já estariam realizadas pelas instituições da Monarquia liberal, que era, no fundo, «uma república com rei». A República e o seu rol de prepotências e desordens não seria, afinal, senão o fruto de uma absurda conspiração de um punhado de desordeiros, tolerada pela fraqueza ou pela pusilanimidade do poder, sem apoio no país, ao arrepio da marcha pacífica e consensual da Monarquia e da governação dos seus avisados e liberais dirigentes. Uma espécie de maldição a-histórica que se abatera inopinadamente sobre o destino nacional.

E daí o seu carácter *anti-histórico*. A Primeira República, caricaturada com os traços grossos de uma balbúrdia terrorista e persecutória que não só desculpabilizaria como exigiria a Ditadura Militar e o Estado Novo, participava, no fundo, dessa espécie de desvio ao «verdadeiro» curso da história nacional. Desvio inaugurado, para os historiadores e publicistas integralistas e estado-novistas, com o parêntesis negro do liberalismo, cuja culminância caótica seria o republicanismo, e encerrado pela obra salvífica da Revolução Nacional, «restaurando a tradição» e repondo a história nacional no trilho autêntico dos nautas, santos e cavaleiros.

É certo que o revisionismo historiográfico dos dias de hoje não se aventura explicitamente nesta conclusão legitimadora do regime ditatorial do Estado Novo ou no maniqueísmo primitivo da «boa» e da «má» história nacional. Mas a abordagem demonizada e ideologicamente formatada que se reedita para a história da Primeira República só pode conduzir a apreciações moralizantes desse jaez. É uma espécie de lógica implícita, suspensa desse argumentário, mas que mal se encobre na equiparação, sem qualquer rigor histórico, do Estado republicano, dos seus políticos, das suas práticas, à ditadura salazarista, aos agentes da polícia política e à repressão fascista. Na realidade, pretende-se transmitir a ideia de que a República foi uma «ditadura radical» bem mais dura e repressiva do que o Estado Novo. Daí à necessidade deste contraponto regenerador, daí à legitimação da ditadura para libertar o país do «caos» e do «terror», vai um pequeno passo, que a nova historiografia conservadora provavelmente não deixará de dar.

Esta situação, a importância de a recolocar e discutir no terreno do debate científico, foi o que motivou os coordenadores desta obra à sua concretização. Seria trágico que o centenário da proclamação da República ficasse preso, do ponto de vista dos seus entendimentos possíveis, quer ao discurso de uma certa ortodoxia maçónica-republicanista acriticamente glorificadora, quer aos velhos/novos preconceitos ideológicos conservadores apostados na sua destruição simbólica. Há um vasto, plural e diverso campo de investigação historiográfica sobre a Primeira República, de grande qualidade científica, fora destas baías. Não é o terreno do centrismo ou do eclectismo, mas sim o de uma historiografia sem apriorismos ideológicos, levada a cabo por novas gerações de investigadores, com um largo investimento na investigação empírica de novas fontes e dotada de uma massa

crítica de reflexão e discussão que é importante trazer à luz do dia. Pareceu-nos ser este debate de ideias a propósito dos cem anos da República a boa oportunidade de o começar a fazer. No fundo, propor entendimentos para essa curta mas rica e complexa República de 16 anos que, longe de ser a aurora emancipadora e progressista que os seus apologistas e apoiantes anunciavam, desejavam e por que se bateram, acabou por se transformar na conturbada crise terminal do liberalismo português a que sucederia o longo ciclo de autoritarismo. Como venceu a República em 1910? Que contradições, que dificuldades viveu, como as resolveu, ou não, até à terrível aventura da participação na Grande Guerra? Que projectos delineou, que portas abriu ou tentou abrir nos vários campos em que procurou apostar? E como renasceu do pós-guerra, após o breve mas premonitório intervalo sidonista? Que República ou que repúblicas e anti-repúblicas foram essas que então se realinharam, também em Portugal, para a grande batalha social e política que anunciava na Europa a época dos fascismos? Afinal, porque venceu e porque morreu a Primeira República? E o que ficou dela como património de memória e reflexão para a democracia de hoje?

Para realizar tal empreitada, recorreremos como espinha dorsal da elaboração desta história da Primeira República à equipa de investigadores do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que se vem dedicando aos estudos sobre este período histórico e tem neste momento entre mãos projectos de investigação nesta área. É a quase totalidade dos colaboradores, entre autores seniores e outros mais jovens, a iniciar, aliás auspiciosamente, os seus percursos académicos. De qualquer forma, quanto a várias das mais importantes temáticas, pudemos contar com a colaboração de autorizados especialistas oriundos de outras escolas e centros de investigação. A todos — 16 autores, no seu conjunto — agradecemos reconhecidamente a disponibilidade, a pontualidade da participação e, sobretudo, a qualidade da mesma.

Duas notas ainda sobre a linha editorial da obra colectiva que agora se dá à estampa. A primeira para salientar que ela não corresponde a um trabalho de escola ou de tese realizado à luz de uma interpretação unívoca. Nela concorrem diversos pontos de vista, abordagens distintas, frutos de variadas investigações recentes, num trabalho que se pretendeu plural, ainda que coerentemente organizado.

De comum, sobretudo, a preocupação de abordar com rigor e sem preconceitos ideológicos cada um dos temas propostos e o seu conjunto.

Em segundo lugar, valerá a pena chamar a atenção para o carácter preferencialmente ensaístico e de síntese interpretativa que este livro pretende assumir, uma vez que se deseja alcançar um público alargado muito para além dos circuitos académicos, e porque essa é a forma de tentar cumprir o papel simultaneamente didáctico e de contribuição para o debate do centenário que foi a razão desta iniciativa.

Dito isto, restará referir que a obra se encontra dividida em cinco partes que seguem, quanto ao essencial, uma ordem cronológica: a queda da Monarquia (1); a revolução republicana e a primeira fase da República (1910-1918) (2); a Grande Guerra e os seus impactos (3); a Nova República (1919-1926) (4); e o fim da República (5). Dentro de cada um, e de acordo com as especificidades dos diferentes períodos, procurou-se analisar a evolução política, as questões religiosa e social, as políticas sectoriais mais relevantes (a educação, a política colonial, a política externa, o fomento económico e a inovação) e a evolução da situação financeira, terminando-se com a discussão dos factores que ditaram o fim do regime liberal-republicano.

À equipa da tinta-da-china desejamos agradecer a possibilidade de levar este projecto a bom porto e a qualidade editorial com que o acarinharam. Nem por isso ser a sua imagem de marca se há-de deixar de o referir.

No centenário da República que passa em 5 de Outubro de 2010, e que esperamos ver assinalado pela multiplicação dos espaços de debate e reflexão, possa este livro ser mais uma acha para a fogueira.

Lisboa, Março de 2009
FERNANDO ROSAS
MARIA FERNANDA ROLLO

PARTE I

A Queda da Monarquia

A crise do liberalismo oligárquico em Portugal

Fernando Rosas

É NA TRANSIÇÃO DO SÉCULO XIX para o século XX, e no início deste, que se forja o republicanismo revolucionário — a força que derrubará a Monarquia pelas armas em Lisboa e nos seus arredores das margens norte e sul do Tejo.

Nessa época, a sociedade portuguesa, isto é, o Portugal urbano onde nasce e se caldeia esse republicanismo popular e radical e uma nova geração de dirigentes do Partido Republicano Português (PRP), já não seria, seguramente, o mundo sonolento, decadente e apático, embalado pelo tédio do «nada acontecer» que Eça de Queirós magistralmente imortalizou em *Os Maias*. Mas, também, dificilmente corresponderia à caricatura de sinal contrário reeditada por alguma historiografia neoconservadora recente: a de um país ridente de cosmopolitismo, progresso material e democracia, dotado de um sistema político equilibrado e funcional tutelado por um rei prudente e sábio, onde o florescimento da alternativa republicanista era pouco mais do que uma aberração, sem outro suporte real que não fosse a utopia inconstante de grupos de velhos lunáticos ou, mais recentemente, a fobia conspiratória e subversiva de jovens intelectuais aventureiros, doentamente ambiciosos e demagogos, que só a generosa liberalidade do tempo deixava pulular impunemente.

Na realidade, na transição do século XIX para o século XX, um pouco por todo o ocidente europeu, e em Portugal ao ritmo e com a extensão condicionados pelas especificidades socioeconómicas, políticas e culturais do meio, os sistemas liberais oligárquicos começavam a ser minados nos seus fundamentos pelas dinâmicas de mudança de um capitalismo em profunda transformação económica e tecnológica. O capitalismo concorrencial dava lugar ao capital financeiro, à segunda revolução industrial e à época do imperialismo, isto é, das guerras mundiais de redivisão do mundo e de

Bibliografia

- AFONSO, Aniceto, *Grande Guerra. Angola, Moçambique e Flandres 1914-1918*, Lisboa, QuidNovi, Janeiro de 2008.
- ALMEIDA, Pedro Tavares de Almeida *et alia* (org.), *Quem Governa a Europa do Sul? O Recrutamento Ministerial, 1850-2000*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2006.
- ANDRADE, Anselmo de, *Portugal Económico e Outros Escritos Económicos e Financeiros, 1911-1925*, introdução e direcção de edição de David Justino, Colecção de Obras Clássicas do Pensamento Económico Português, 18, Lisboa, Banco de Portugal, 1997.
- BAIÔA, Manuel, «Partidos e sistema partidário na crise do liberalismo em Portugal e Espanha nos anos 20», in *Elites e Poder. A Crise do Sistema Liberal em Portugal e Espanha (1918-1931)*, coordenação Manuel Baiôa, CIDEHUS, Lisboa, Edições Colibri, 2004, pp. 15-48.
- BRAGA, Teófilo, *História das Ideias Republicanas em Portugal*, Lisboa, Veja, 1983.
- CABRAL, Manuel Villaverde, «A Grande Guerra e o Sidonismo: esboço interpretativo», in *Análise Social*, 15 (58), 1979, pp. 373-392.
- CABRAL, Manuel Villaverde, *O Desenvolvimento do Capitalismo em Portugal no Século XIX*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1981.
- CABRAL, Manuel Villaverde, *Portugal na Alvorada do Século XX. Forças Sociais, Poder Político e Crescimento Económico de 1890 a 1914*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1979.
- CARVALHO, Rómulo de, *História do Ensino em Portugal. Desde a Fundação da Nacionalidade até ao Fim do Regime Salazar-Caetano*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- CATROGA, Fernando, *O Republicanismo em Portugal. Da Formação ao 5 de Outubro de 1910*, vol. I, Coimbra, Faculdade de Letras, 1991.
- CORREIA, Sílvia, *Memory of the Great War and collective identity in Portugal: A very particular case?*, CIDRA Hallsworth — «War and our World» Conference, University of Manchester, 2007. [http://www.inplaceofwar.net/web_db/php/index.php?page=record&cat=artifacts&id=966#artifacts_966]

- Engenbaria em Portugal no Século XX*, 3 vols., coordenação de J.M. Brandão de Brito, Manuel Heitor e Maria Fernanda Rollo, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2004.
- Engenho e Obra. Memória de Uma Exposição*. Catálogo da Exposição «Engenho e Obra», realizada na Cordoaria Nacional, org. Comissariado da Exposição, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2003.
- FARINHA, Luís, *Cunha Leal Deputado e Ministro da República. Um Notável Rebelde*, Lisboa, Assembleia da República/Publicações Dom Quixote, 2009.
- FERRÃO, Carlos, *História da I República*, Lisboa, Terra Livre, 1976.
- FERREIRA, David, *História Política da Primeira República Portuguesa (1910-1915)*, I Parte, Lisboa, Livros Horizonte, 1973.
- FRAGA, Luís Manuel Alves de, *Portugal e a Primeira Grande Guerra. Os Objectivos Políticos e o Esboço da Estratégia Nacional, 1914-1916*, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais e Políticas, 1990.
- FRAGA, Luís Manuel Alves de, *Portugal na Grande Guerra. Razões Económicas de Beligerâncias*, Lisboa, Separata da Revista Militar, 1985.
- LAINS, Pedro, *Os Progressos do Atraso. Uma Nova História Económica de Portugal (1842-1992)*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2003.
- LEAL, Ernesto Castro, *António Ferro. Espaço Político e Imaginário Social (1918-32)*, Lisboa, Edições Cosmos, 1994.
- LEAL, Ernesto Castro, *Nação e Nacionalismo. A Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira e as Origens do Estado Novo (1918-1938)*, Lisboa, Edições Cosmos, 1999.
- LEAL, Ernesto Castro, *Partidos e Programas. O Campo Partidário Republicano Português (1910-1926)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.
- LOPES, F. Farelo, *Poder Político e Caciquismo na Primeira República*, Lisboa, Editorial Estampa, 1994.
- MARQUES, A.H. de Oliveira (dir. e coord. vol.), *Portugal da Monarquia para a República*, vol. XI, *Nova História de Portugal* (dir. Joel Serrão), Lisboa, Editorial Presença, 1991.
- MARQUES, A.H. de Oliveira (introdução e notas), *O Segundo Governo de Afonso Costa, 1915-1916*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1974.
- MARQUES, A.H. de Oliveira (introdução e notas), *O Terceiro Governo Afonso Costa, 1917*, Lisboa, Livros Horizonte, 1977.
- MARQUES, A.H. de Oliveira, *Afonso Costa*, Lisboa, Arcádia, 1975.
- MARQUES, A.H. de Oliveira, *Ensaio de História da I República Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988.
- MARQUES, Isabel Pestana, *Das Trincheiras com Saudade*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2008.

- MATA, Eugénia e VALÉRIO, Nuno, *História Económica de Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 2002.
- MATA, Maria Eugénia, «As crises financeiras no Portugal Contemporâneo: uma perspectiva de conjunto», in *Crises em Portugal nos Séculos XIX e XX*, coordenação de Sérgio Campos Matos, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2002, pp. 33-55.
- MATA, Maria Eugénia, *As Finanças Públicas Portuguesas da Regeneração à I Guerra Mundial*, Lisboa, Banco de Portugal, Série História Económica, n.º 4, 1993.
- MEDEIROS, Fernando, *A Sociedade e a Economia Portuguesas nas Origens do Salazarismo*, Lisboa, A Regra do Jogo, col. Biblioteca de História, 1978.
- MEDINA, João (dir.), *História Contemporânea de Portugal*, Lisboa, Amigos do Livro, 1986.
- MENESES, Filipe Ribeiro de, *União Sagrada e Sidonismo. Portugal em Guerra (1916-1918)*, Lisboa, Edições Cosmos, 2000.
- NETO, Vítor, *O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal*, Lisboa, INCM, 1998.
- OLIVEIRA, César, *O Movimento Sindical Português. A Primeira Cisão*, Lisboa, Publicações Europa-América, s/d.
- PEDREIRA, Jorge Miguel, «Indústria e Atraso Económico em Portugal, 1900-25: Uma Perspectiva Estrutural», in *Análise Social*, 97, 1987, pp. 563-596.
- PEREIRA, David, *As Políticas Sociais em Portugal (1910-1926)*, dissertação de mestrado, FCSH da UNL, 2008.
- PEREIRA, Joana Dias, *Sindicalismo Revolucionário — História de Uma Idéa*, dissertação de mestrado, FCSH da UNL, 2008.
- PERES, Damião, *História de Portugal*, Porto, Portucalense Editora.
- PERES, Fernando (coord.), *Panorama da Cultura Portuguesa no Século XX, I. As Ciências e as Problemáticas Sociais*, Porto, Edições Afrontamento / Porto 2001 / Fundação Serralves, 2002.
- PINTO, António Costa (coord.), *Portugal Contemporâneo*, Madrid, Ediciones Sequitur, 2000.
- PINTO, António Costa, *Os Camisas Azuis. Ideologia, Elites e Movimentos Fascistas em Portugal, 1914-1945*, Lisboa, Editorial Estampa, 1994.
- PIRES, Ana Paula, *A Indústria de Moagem de Cereais. Sua Organização e Reflexos Políticos do seu Desenvolvimento Durante a I República (1899-1929)*, dissertação de mestrado em História dos Séculos XIX e XX, Secção do Século XX, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Setembro de 2004 (policopiado).
- PROENÇA, Maria Cândida, *D. Manuel II*, Lisboa, Temas e Debates, 2006.
- PROENÇA, Maria Cândida, *A Questão Colonial no Parlamento 1910-1926*, 2 vols., Lisboa, Assembleia da República, 2008.

- QUEIROZ, António José, *A Esquerda Democrática e o Final da Primeira República*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008.
- RAMOS, Rui, *A Segunda Fundação (1890-1926). História de Portugal*, 6.º vol., dir. de José Mattoso, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.
- REIS, António (dir.), *Portugal Contemporâneo*, vols. II a VI, Lisboa, Publicações Alfa, 1990.
- REIS, António, *Raul Proença, Biografia de um intelectual político republicano*, 2 vols., Lisboa, INCM, 2003.
- REIS, Jaime, «A industrialização num país de desenvolvimento lento e tardio: Portugal, 1870-1913», in *Análise Social*, vol. XXIII (96), 1987, pp. 207-227.
- ROLLO, Maria Fernanda, «Engenharia e História: Percursos Cruzados», in *Engenho e Obra — Uma Abordagem à História da Engenharia em Portugal do Século XX*, coordenação de José Maria Brandão de Brito, Manuel Heitor e Maria Fernanda Rollo, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2003, pp.30-55.
- ROSAS, Fernando, *Pensamento e Acção Política. Portugal Século XX (1890-1976)*, Lisboa, Editorial Notícias, 2004.
- SAMARA, Alice, «O impacte económico e social da primeira guerra em Portugal», in *Portugal e a Guerra*, coordenação de Nuno S. Teixeira, IHC da FCSH / UNL, Edições Colibri, 1998, pp. 89-106.
- SAMARA, Maria Alice, *Verdes e Vermelhos. Portugal e a Guerra no Ano de Sidónio Pais*, Lisboa, Notícias Editorial, 2003.
- SANTOS, F. Piteira, «Na Transição do Constitucionalismo Monárquico para o Constitucionalismo Republicano: a Crise do Partido Socialista e a Crise do Partido Republicano», in *Análise Social*, n.ºs 72-73-74, Lisboa, 1982, pp. 673-685.
- SERRA, José Bonifácio, «Do 5 de Outubro ao 28 de Maio: a Instabilidade Permanente», in *Portugal Contemporâneo* (dir. António Reis), vol. III, Lisboa, Alfa, 1990, pp. 13-84.
- SERRÃO, Joel (org. e pref.), *Antologia do Pensamento Político Português — Liberalismo, Socialismo, Republicanismo*, Porto, Ed. Inova, 1970.
- SILVA, Armando Barreiros Malheiro da, *Sidónio e Sidonismo. História e Mito*, 2 vols., dissertação de doutoramento em História Contemporânea apresentada à Universidade do Minho, Braga, 1997.
- TEIXEIRA, Nuno Severiano, *O Poder e a Guerra 1914-1918. Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996.
- TELO, António José, *Decadência e Queda da I República Portuguesa*, 2 vols., Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.
- TELO, António José, *O Sidonismo e o Movimento Operário. Luta de Classes em Portugal, 1917-1919*, Ulmeiro, col. Biblioteca Ulmeiro, n.º 12 [1978].

- VALENTE, Vasco Pulido, «A Revolta do Grelo: Ensaio de Análise Política», in *Análise Social*, 10 (37), 1973, pp. 79-101.
- VALENTE, Vasco Pulido, «A Revolta dos Abastecimentos: Lisboa, Maio de 1917», in *Economia*, vol. I, n.º 2, Maio de 1977, pp. 187-218.
- VALENTE, Vasco Pulido, «Portugal e a Guerra de 14-18», in *O Tempo e o Modo — Revista de Pensamento e Acção*, n.º 33, pp. 1202-1215.
- VALENTE, Vasco Pulido, «A República Velha (1910-1917)», Lisboa, Gradiva, 1997.
- VALENTE, Vasco Pulido, «Estudos Sobre Sidónio Pais: Agricultura e Proletariado Agrícola; Indústria e Sindicatos; Comércio Externo», in *O Tempo e o Modo*, n.º 62-63, Julho-Agosto de 1968, pp. 665-708.
- VALÉRIO, Nuno, *As Finanças Públicas no Parlamento Português*, Lisboa, Edições Afrontamento, Estudos Preliminares, 2001.
- VIEIRA, Alexandre, *Para a História do Sindicalismo em Portugal* (Notas preliminares de César de Oliveira), Lisboa, Empresa de Publicidade Seara Nova, 1974.

Índice onomástico

- ABISSÍNIA: 253
Academia Politécnica do Porto: 34, 37, 234, 587
Acção Realista Portuguesa: 487, 491-2
Açores: 130, 145, 265, 288, 364
Action Française: 489, 491
Afeganistão: 253
Afonso, Manuel da Conceição: 162
Afonso XIII (rei de Espanha): 287
África do Sul: 515, 518, 521
África Oriental Alemã: 281, 400
Aguiar, Joaquim António de: 132
Albânia: 253, 259
Alemanha: 16, 57, 94, 114, 120, 196, 199-200, 233, 247, 250-6, 258, 260, 262, 263-5, 269-71, 275, 279, 281, 287-8, 291-2, 297-8, 319, 323-4, 332-3, 335, 342-4, 349, 356, 365, 397, 399, 400-2, 405, 576, 587, 589
Almeida, António José de: 48-51, 59-60, 71-3, 96, 103-7, 109-10, 112, 114, 120, 146, 200, 268, 275, 277-80, 283, 285, 335-6, 377-8, 391, 411, 448, 467-8, 478, 480, 544, 548, 575, 577, 585-6, 589
Almeida, Eduardo de: 501
Almeida, Fialho de: 27
Almeida, João Augusto Ferreira de: 309
Almeida, João de: 493
Almeida, Luz de: 48, 50, 77, 153, 536
Aloisi-Masella, Bento: 138
Alpoim, José: 48
Alta Venda: 50, 58-9
Alves, Augusto Lobo: 500
Ameal, João: 492
Amorim, Massano de: 292
Amzalak, Moses Bensabat: 500
Andrade, Anselmo de: 214, 336, 500, 527, 528-9, 533
Andrade, Freire de: 115, 268, 272, 501, 505, 518
Andrade, Rui de: 500
Angola: 114-5, 196, 206-7, 209-11, 215-22, 224-5, 227-8, 273, 283, 289, 290-2, 295, 297, 340, 401, 474, 479, 483, 504, 506-16, 519-20, 586-9, 593
Aranha, Santos: 437, 438
Arriaga, Manuel de: 71-2, 103-5, 110, 112, 118, 267, 273, 322, 480-1, 585
Associação Comercial de Lisboa: 325, 453, 455, 475, 500, 565
Associação do Registo Civil: 19, 69
Associação dos Engenheiros Civis Portugueses: 34, 41-2
Associação Industrial Portuguesa (AIP): 331, 432
Augusto Soares: 272, 279, 284, 376, 515
Áustria: 195, 200, 247, 256, 258, 260, 262-5, 298, 342, 586
BALCÃS: 256, 259, 262
Banco de Inglaterra: 197, 252
Banco de Portugal: 36, 197, 200, 320, 329, 445, 451-2, 454, 533, 583, 593
Banco Nacional Ultramarino (BNU): 213-4, 509-1, 514-5, 584
Baptista, António Maria: 433, 445, 448, 483
Barbosa, José: 49, 385, 393

Barbosa, Tamagnini: 372, 377, 478
 Barrès, Maurice: 488
 Barreto, Correia: 59
 Barros, João de: 172, 175, 186
 Barroso, D. António: 137, 147
 Bastos, Teixeira: 70-1, 170
 Batalha de La Lys: 197, 302, 352-3, 392, 588
 Beirão, Caetano: 492
 Beires, Sarmento de: 475
 Bélgica: 262, 264, 288, 298, 356, 397, 400, 404, 508
 Belgrado: 260, 262
 Belo, D. António Mendes (arcebispo de Guarda): 139, 147
 Bensaúde, Alfredo: 233, 583
 Bento XV, papa: 494
 Berlim: 113, 121, 160, 194, 258, 351, 359, 374, 379, 517
 Bianchi, João António de: 518
 Bismarck, Otto von: 253
 Bombarda, Miguel: 50-1, 55, 58-9, 390, 584
 Bon, Gustave Le: 488
 Borges, França: 48
 Bósnia-Herzegovina: 256, 258
 Botelho, Abel: 27, 151
 Braga: 44, 49, 58-60, 63, 70-2, 77, 80, 83, 89, 91, 109, 118, 128, 135, 148, 163, 169, 183, 230-1, 237, 240, 319, 394, 463, 487, 490, 502, 557, 566, 584, 593, 596
 Braga, Luís de Almeida: 489
 Braga, Teófilo: 44, 49, 58-60, 63, 70-2, 77, 118, 169-70, 183, 230-1, 240, 319, 490, 584
 Brandão, António Sarmento: 500
 Brandão, Raul: 58-60, 125, 128, 151, 165, 285, 578
 Brasil: 20, 43-4, 134, 139, 198, 226, 263, 265, 324, 326, 340, 394, 404, 507, 585, 589
 Bravo, Manuel: 210
 Briand, Aristide: 134
 Brito, Elvino de: 232, 237, 330
 Bruno, Sampaio: 133, 186
 Bruschy, Silva: 329
 Bulgária: 253, 259, 263-4, 266, 298, 397

CABEÇADAS, MENDES: 438, 463-5, 478, -9, 552, 556-8, 561, 590
 Cabo Verde: 209, 513
 Cabral, António: 491-2
 Cabreira, Tomás: 195, 385
 Caetano, Marcelo: 491, 520, 574
 Caixa Geral de Depósitos: 159, 199, 329, 452, 454, 511, 516
 Calmon, Caso Rosa: 131
 Camacho, Brito: 59-71, 103-7, 109, 112, 114-5, 122, 126, 144, 232-3, 242, 268-70, 275, 277-8, 281-2, 372-3, 376-7, 385, 391, 393-4, 399, 403, 411, 467, 478, 480, 504-5, 513-4, 518, 554, 577, 585-6, 589
 Camacho, Inocêncio: 49, 241, 329, 445
 Câmara, D. Rui Zarco da: 492
 Câmara, Filomeno da: 480, 488, 496, 499-501, 551
 Camoesas, João: 175, 464, 479, 511
 Campos, Ezequiel de: 37, 42, 227, 231, 237, 241, 459, 527-8, 533, 585, 590
 Campos, Fernando: 489, 492
 Caraça, Bento de Jesus: 172, 183
 Carbonária: 17-9, 24, 49, 50-1, 56-9, 66, 69, 76, 106, 152-3, 390, 478, 577, 583
 Cardoso, Sá: 50, 56, 71, 483
 Carmo, quartel do: 56
 Carmona, Óscar: 473, 545, 558, 590
 Carnegie, Lancelot: 324, 344-5
 Carneiro, Sá: 515, 518-9
 Carvalho, João Manuel de: 472, 483, 550
 Carvalho, Raul de: 493
 Casa Sindical: 158, 160
 Casimiro, Augusto: 268, 275, 284, 286, 369
 Castro, Álvaro de: 200-1, 213, 224, 228, 292-4, 387, 433, 437-8, 446-7, 451-5, 466-8, 471, 473-5, 480, 495-6, 503, 514, 537-8, 543-5, 547, 550, 553, 562, 564, 565-6, 573, 576, 578
 Castro, D. Luís Filipe de: 500
 Castro, José de: 51, 118-9, 274, 330
 Castro, Mário de: 457
 Castro, Pimenta de: 19, 105, 116-8, 120, 247, 273, 276, 329, 465, 481, 564, 587
 Causa Monárquica: 489, 491-2
 Cavalheiro, António Rodrigues: 492

Cavour, Camilo di: 130
 Centro Católico Português: 143, 489, 493-6
 Centro do Nacionalismo Lusitano: 492
 Chagas, João: 48, 50-1, 58-60, 94, 104-6, 115, 118, 234, 242-3, 270, 274-5, 378, 394-5, 585
 Charters, Luís: 492
 Chaves, Luís: 492
 China: 253, 263, 265
 Churchill, Winston: 251, 265
 Clemenceau, Georges Benjamin: 397, 399
 Coelho, Adolfo: 172, 186
 Coelho, Henrique Trindade: 352, 499, 500, 502, 566
 Coelho, José Augusto: 170
 Coelho, José Gabriel Pinto: 501
 Coelho, Manuel Maria: 225, 449, 469, 564
 Comte, Augusto: 171, 488
 Confederação Geral do Trabalho (CGT): 160, 165, 415, 422-3, 429-38, 440, 450, 454-5, 481, 576, 589
 Confederação Helvética: 401
 Confederação Patronal: 432-4, 440, 589
 Confédération Générale du Travail (CGT): 260
 Conferência de Paz: 90, 506-7, 572, 588-9
 Congo: 206, 517
 Cordes, Sinel de: 480, 576, 590
 Corpo Expedicionário Português (CEP): 196, 197, 247, 282-4, 297, 299, 307, 310, 312-8, 352, 366, 587-8
 Correia, Félix: 491
 Cortesão, Jaime: 115, 122, 173, 183, 284, 286, 581
 Costa, Afonso: 48-51, 59-60, 71, 73, 95, 97-8, 103-6, 109-12, 116, 117, 119, 120-5, 128-9, 134, 137, 139-40, 143-4, 147, 151, 157-8, 195, 209, 227, 238, 243, 247-8, 267, 274, 276-8, 280-4, 304, 319, 331-2, 334-5, 337, 371-2, 374-9, 383, 387, 389, 391, 393, 398-406, 411, 465-6, 472, 476, 480, 483, 537, 541, 559, 563, 565, 571-2, 574, 577, 581, 586, 589-90, 594

Costa, Feliciano da: 124, 374, 376-7
 Costa, Fernandes: 447
 Costa, Fernando: 329
 Costa, Gomes da: 318, 463-4, 479, 492, 497, 501, 549, 554, 561, 590
 Couceiro, Paiva: 58, 105, 110, 273, 391, 585
 Coutinho, Gago: 530, 534, 589
 Coutinho, Vítor Hugo de Azevedo: 116, 273
 Crisóstomo, Joaquim: 505, 520
 Croácia: 258
 Cruz, Manuel Braga da: 98, 128, 148, 502
 Cunha, Pedro José da: 500
 Curto, Ramada: 414

D. AMÉLIA, RAINHA: 63, 153
 D. Carlos, rei: 26, 40, 45, 4-8, 56, 63, 108, 584
 D. Luís, rei: 45, 584
 D. Manuel II, rei: 40, 49, 63, 94, 107, 139, 413, 584, 595
 D. Miguel: 482
 Damaralândia (Namíbia): 289, 291
 Daudet, Léon: 488
 Deus, João de: 67, 176, 483
 Dias, Carlos Malheiro: 58, 151, 486, 501
 Dinamarca: 134
 Dinis, Ferreira: 508
 Duarte, Teófilo: 374-5, 377, 393-4
 Durão, Portugal: 200, 450, 456, 471-2, 520

EÇA, GENERAL PEREIRA DA: 115, 272, 283, 291, 401
 Eduardo VII (rei de Inglaterra): 59, 123, 258, 448
 Enes, António: 208
 Entente Cordiale: 258
 Escandinávia: 249
 Eslovénia: 258
 Espanha: 16, 132, 139, 189, 196, 249, 267, 269, 285, 287, 324, 326, 356, 366, 402, 404, 557, 566, 572, 576, 593
 Esquerda Democrática: 412, 444, 450, 456, 478, 493, 543, 555, 589, 596
 Estados Unidos da América: 134, 198,

250-1, 255-6, 263, 265, 298, 324, 397, 525
 Esteves, Evaristo Marques: 162
 Esteves, Xavier: 377

FALCÃO, JOSÉ: 169
 Farinha, Santos: 133
 Fátima: 121, 142-3, 148, 283, 374, 379, 587
 Federação da Juventude Católica Portuguesa: 487
 Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal: 163
 Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais: 164
 Federação Operária: 160
 Fédération Interalliée des Anciens Combattants (FIDAC): 360
 Fernando, arquiduque Francisco: 79, 263, 342, 586
 Ferraz, Ivens: 365, 515, 519, 581
 Ferreira, António Aurélio da Costa: 173, 183
 Ferreira, Costa: 581
 Ferreira, Dias: 37
 Ferreira, Duarte: 239
 Ferreira, Vicente: 373, 515, 520
 Figueira, Campos: 491
 Figueiredo, Antero de: 499-500, 502
 Figueiredo, Belchior de: 373, 393
 Figueiredo, Fidelino de: 501
 Flandres: 247, 249, 301-2, 317-8, 356, 359, 390, 593
 Folque, José Pedro: 492
 Forças Armadas: 18, 49, 88, 95, 101, 115, 121, 352-3, 388, 392, 397, 543, 551, 559, 572-3, 579
 França: 41, 48, 50, 94, 113, 131, 134, 138, 175, 251, 253, 256, 258, 260, 262-4, 267, 270, 272, 277, 280-2, 284-5, 287-8, 298, 301-5, 308-10, 315, 317, 320, 324, 328, 335, 337, 344, 349, 352, 354-6, 358, 362-3, 397, 400, 491, 494, 498, 558, 587
 Franco, João: 9, 47-50, 63, 66, 95, 108, 132, 152, 175, 535, 584
 Fratel, Manuel Joaquim: 515
 Freire, Anselmo Braamcamp: 103, 498, 535

Freitas, Augusto Santiago Barjona de: 325
 Freitas, coronel Vicente de: 581, 590
 Freitas, Rodrigues de: 170

GALIZA: 105, 110, 264
 Gameiro, Rui Roque: 364
 Garção, Mayer: 62, 73
 Garcia, Elias: 175
 Garcia, Emídio: 170-1, 186
 Gaspar, Rodrigues: 452-3, 455, 475, 521, 578
 George, Lloyd: 252, 264, 265, 399
 Gibraltar: 57
 Giraldes, Manuel Nunes: 130
 Godinho, Vitorino: 511
 Gomes, Amaro de Azevedo: 59
 Gomes, António Luís: 59
 Gomes, Carlos: 325
 Gomes, Manuel Teixeira: 472, 545, 565
 Gomes, Mário de Azevedo: 451, 479
 Gonçalves, Assis: 365
 Gonçalves, Ernesto: 492
 Grã-Bretanha: 247, 250-1, 253, 255-6, 258, 262-4, 266-7, 269, 271, 328, 342, 397, 400, 471
 Grandela, Francisco: 51
 Granjo, António: 433-4, 445, 447-8, 468-9, 482, 547-8, 565, 573, 589
 Grave, João: 150
 Grécia: 259, 263, 266, 298, 400, 404
 Grey, Edward: 258, 264, 344, 345
 Grupo Seara Nova: 173, 285, 450-1, 457, 459-60, 498, 566, 579, 589, 597
 Guarda Nacional Republicana (GNR): 88, 95, 97, 117, 123, 415, 417-8, 432, 445, 447-9, 455, 548-9, 565, 579, 585
 Guardas Municipais de Lisboa e Porto: 95
 Guerra Hispano-americana (1898): 255
 Guilherme I da Alemanha: 253
 Guilherme II da Alemanha: 253, 255, 258, 262, 399
 Guimarães, Vitorino: 200, 330, 475, 480
 Guiné: 209, 213, 513, 588
 Gustave, Ador: 401

HENRIQUES, D. AFONSO: 485
 Herzegovina: 258
 Hipólito, Raposo: 489, 566
 Hitler, Adolf: 397
 Hungria: 200, 256, 258, 260, 262-5, 298, 342, 586

IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO: 113, 256, 258, 260, 262-5, 298, 342, 397
 Império Britânico: 262, 298
 Império Otomano: 252, 256, 259, 263-4, 400
 Índia: 209, 215, 251, 513
 Inglaterra: 44-5, 50-1, 57, 94, 104, 113-6, 197, 252, 258, 269, 270-2, 275, 287-8, 290, 293, 301, 305, 319, 324, 335, 337, 352, 356, 358, 362, 370, 372, 387, 402, 508, 519, 589
 Instituto Geral de Agronomia: 234
 Instituto Industrial de Lisboa: 34
 Instituto Superior Técnico (IST): 234
 Integralismo Lusitano: 372, 377, 487, 488-90, 502, 566, 579, 586
 Internacional Sindical Vermelha (ISV): 436, 438
 Itália: 16, 256, 262-4, 267, 298, 328, 349, 365, 370, 397, 400, 490, 557-6

JAPÃO: 250, 253, 256, 263, 298, 397
 Jaurés, Jean: 260
 Jesus, Geraldo Coelho de: 529, 533
 João Ameal: 492
 José, Francisco (imperador da Áustria): 258
 Jugoslávia: 258
 Junqueiro, Guerra: 27-8, 62, 77, 99, 151, 165, 536
 Junta Liberal: 50
 Junta Revolucionária: 56, 118, 124, 373, 448, 564

KEYNES, JOHN M.: 199
 Kosovo: 260
 Kropotkine, Piotr: 380

LAMENNAIS, HUGHES: 130
 Lança, Agatão: 476

Leal, Cunha: 166, 380, 393-4, 445-6, 465, 469-75, 478-9, 481-3, 506, 509, 520, 539, 541-5, 548-50, 556-8, 561-6, 579, 594
 Leão, Eusébio: 49
 Leão XIII, papa: 131, 136, 151, 494
 Leiria: 141, 239, 529, 565
 Leite, Duarte: 103-4, 110, 169
 Lemos, Álvaro Viana de: 173
 Lemos, Tovar de: 353
 Libéria: 253
 Lichnowsky, príncipe: 289-9
 Liga Balcânica: 259, 266
 Lima, Adolfo: 173, 176, 183, 187
 Lima, Almeida: 321
 Lima, Felizardo: 70
 Lima, José Lobo de Ávila: 498
 Lima, Lisboa de: 215, 228
 Lima, Sebastião de Magalhães: 51, 69, 71-2, 103, 183, 499
 Locatelli, nuncio: 146
 Londres: 94, 251, 253, 256, 258, 264-6, 269, 272, 274-5, 284, 289, 299, 327-8, 334, 345, 368-9, 472, 511-2, 514-5
 Lopes, Adriano de Sousa: 497
 Lopes, Pina: 443-7
 Lucas, Afonso: 491, 500, 566
 Luso, Sílvio: 490

MAC-BRIDE, ALBERTO: 365
 Macau: 209, 475
 Macedo, Ferreira de: 183
 Macedónia: 259
 Machado, Bernardino: 49-51, 59, 70, 71, 73, 89, 94, 103, 112-4, 116, 120, 124, 144, 148, 172, 186, 239, 240-1, 267-8, 272-3, 278, 283, 320, 322, 376, 380, 413, 446, 448, 463, 478-9, 482, 535, 544, 552, 557-8, 560, 563, 567, 590
 Machado, Boto: 70, 154, 228
 Machado, Ginestal: 472, 478, 545, 550, 565
 Maçonaria: 50-1, 69, 118, 148, 182, 454
 Madrid: 145, 285, 595
 Magalhães, Alfredo de: 179, 377
 Magalhães, Vitorino: 41, 450, 501

Maia, Carlos da: 448, 482, 565, 589
 Maistre, Joseph de: 488
 Mão Negra (movimento ultranacionalista sérvio): 258, 260
 Mar do Norte: 262
 Maritain, Jacques: 488
 Martins, Ferreira: 290, 296, 299, 318, 365
 Martins, Oliveira: 27, 35-7, 227, 459
 Martins, Rocha: 377, 393, 394
 Marto, Francisco: 142
 Marto, Jacinta: 142
 Matos, José Maria de Melo de: 325
 Matos, Júlio de: 170
 Matos, Norton de: 118-20, 123, 207, 222, 225, 227-8, 268, 279, 283-5, 291, 318, 398, 474, 503-9, 511-3, 516, 520-1, 589
 Maurras, Charles: 488
 Melo, António Maria de Fontes Pereira de: 28-30, 41, 45, 299
 Melo, Martinho Nobre de: 377, 496, 500-1
 Melo, Nobre de: 377, 496-7, 499-501
 Mendes, Filipe: 500
 Mendes, Moura: 292
 Mendonça, Álvaro Zuzarte de: 501
 Merêa, Manuel Paulo: 501
 Mexia, Joaquim Nunes: 500
 Mill, Stuart: 172
 Milner, Lord: 400
 Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria (MOP): 29, 34, 41, 84-5, 232
 Ministério dos Negócios Estrangeiros: 94, 329, 346
 Miranda, João Afonso de: 501
 Moçambique: 45, 114, 196, 198, 206, 209, 215, 217, 221-2, 224, 226, 277, 289-90, 292-7, 299, 353, 503-5, 509, 512-6, 518-20, 586, 589, 593
 Moniz, Botelho: 389
 Moniz, Egas: 122, 145, 372, 377, 379, 385-6, 394, 398-9, 542
 Moniz, Jaime: 179, 183, 187
 Monsaraz, Alberto: 489-91, 502
 Montalembert, Charles de: 130, 134
 Monteiro, Manuel Rodrigues: 331
 Moreira, Henrique: 362, 364
 Moscovo: 260
 Moura, Casimiro de: 183
 Movimento Nacional-Sindicalista: 487, 490
 Múrias, Manuel: 491
 Mussolini, Benito: 267, 460, 464, 488
 NAMÍBIA: 289
 Neto, António Lino: 143, 494
 Nicolau II, czar: 262
 Nobre, António: 27
 Nogueira, Henriques: 169
 Noruega: 253
 Nóvoa, António: 176, 184, 186-9
 Núcleos Sindicais Revolucionários (NSV): 436
 Nunes, D. Augusto Eduardo: 136
 Nunes, Jacinto: 240, 413
 OLIVEIRA, CARLOS JOSÉ DE: 500
 Oliveira, Eduardo Fernandes de: 500-1
 Organização Internacional do Trabalho: 516
 Organização Territorialista Judaica: 211
 Orlando, Signor: 398-9
 Ornelas, Aires de: 208, 481, 491-2, 564
 Osório, João de Castro: 492-3
 PACHECO, CARNEIRO: 179
 Pais, Brito: 475
 Pais, Sidónio: 122-7, 136, 144-5, 148, 152, 164, 179, 239, 248, 284-5, 338, 366, 371-81, 383-6, 388-94, 398-9, 405, 414, 424, 464, 476, 493, 499, 502-3, 525, 544, 547-8, 572, 574, 588, 596
 Países Baixos: 249
 Pala, Afonso: 50, 56
 Paris: 51, 94, 104, 106, 123, 146-7, 241, 251, 265-6, 270, 285, 288, 306, 310, 328, 353, 359, 368-9, 398-403, 472, 476, 478, 533, 565, 581, 588-90
 Partido Centrista Republicano: 122
 Partido Democrático: 107-13, 116-7, 119, 122, 124, 157, 200, 267-8, 273, 277-8, 283-4, 319, 333, 336, 338, 353, 372, 387, 398-9, 402, 411, 413, 417, 447-8,

454, 455-7, 463-6, 468, 469-81, 483, 506, 509, 511-2, 526-7, 537-8, 541-4, 546-9, 551-2, 555, 559-60, 562-3, 566-7, 571-3, 577, 580-1, 587
 Partido Evolucionista: 107, 109, 144, 247, 268, 277-9, 333, 372, 387, 411, 586
 Partido Legitimista: 489
 Partido Liberal: 411-3, 467, 468-9, 471, 537, 543-5, 547-8, 573
 Partido Liberal Republicano: 411
 Partido Nacionalista: 451, 456, 471-4, 537, 543, 550-1, 556, 563-4, 566, 575, 581
 Partido Progressista: 47-8, 584
 Partido Radical: 200, 450, 454
 Partido Regenerador: 47, 107
 Partido Republicano da Esquerda Democrática: 412, 456
 Partido Republicano de Reconstituição Nacional: 411
 Partido Republicano Português (PRP): 15, 18-9, 22-4, 26, 43, 46-51, 55, 57-8, 60-4, 66-7, 69, 73, 75, 77, 93-4, 102-3, 105-6, 108-10, 152, 169-70, 193, 241, 243, 248, 283, 387, 411-18, 454, 456, 463-6, 476-8, 480, 483, 511, 535-6, 545, 550, 552, 583-5, 589, 596
 Partido Socialista (PS): 17, 23, 62-3, 97, 100, 109, 153-4, 166, 268, 278, 414-5, 417, 421, 454-5, 586, 596
 Partido Unionista: 109, 278, 387, 411, 478, 586
 Pascoais, Teixeira de: 269, 276
 Pato, Bulhão: 519-21
 Perdigão, Azeredo: 529, 533
 Pereira, D. Nuno Álvares: 485-6, 488, 496, 588, 594
 Pereira, Domingos: 159, 415, 466, 468, 474, 480
 Pereira, Pedro Teotónio: 491
 Pérsia: 256
 Pessoa, Fernando: 380, 485, 501
 Pimenta, Alfredo: 487, 491-2
 Pimentel, João Sarmento: 375
 Pinto, Alfredo: 162
 Pinto, Liberato: 417-8, 445, 447-8, 468-9, 482, 548, 565
 Pinto, Maia: 449
 Pinto, Moura: 144, 373, 376-7, 384, 413, 575
 Pio X, papa: 89, 138
 Play, Pierre Le: 488
 Poincaré, Raymond: 404, 406
 Poinard, León: 230, 241, 584
 Polícia de Segurança Pública: 88
 Polónia: 200, 264
 Pombal, Marquês de: 45
 Pontes, Martins: 279
 Porto, César: 173
 Preto, Francisco Rolão: 487, 489-1, 493
 Primeira Guerra Mundial: 11-2, 31-2, 43, 79-80, 85, 90, 94, 127, 143, 145, 151-2, 158-9, 178, 180, 191, 195, 198, 206, 216, 232, 238, 240-1, 247-50, 263, 265-6, 276-8, 281, 285-6, 290, 294, 299, 301, 303, 309, 313, 315, 317-8, 323, 333, 349-50, 354-6, 358, 360, 363-8, 371-2, 377, 387, 397-8, 411, 422, 436, 488, 493, 507, 523-4, 535, 541, 546, 566, 571-3, 579, 589, 593-6
 Princip, Gavriilo: 260
 Príncipe, Sérgio: 433
 Proença, Raul: 115, 173, 183, 186, 483, 566, 596
 QUARTIM, PINTO: 162, 166
 Queirós, Barros: 413, 468, 515
 Queirós, Eça de (escritor): 15, 27, 31
 Queirós, Eça de (político): 492
 Queirós, Teixeira de: 27, 151
 Quental, Antero de: 44
 Quintela, Francisco Xavier: 492
 RAMOS, GUSTAVO CORDEIRO: 179, 531
 Rebelo, Pequito: 459, 489-501, 566
 Redol, Alves: 153, 166
 Rego, Carlos Martins do: 501
 Reich: 253, 255
 Reino Unido: 32, 196, 256, 264, 349, 355, 359, 397
 Reis, Cândido dos: 50-1, 55-6, 58, 390, 536, 584
 Reis, Luís da Câmara: 105, 115, 128
 Relvas, José: 22, 48-52, 55, 59, 60, 144, 169, 194, 231-2, 242, 377, 466

Revolução Francesa: 16, 134, 489
 Ribeiro, Almeida: 511
 Ribeiro, Cupertino: 49
 Ribeiro, Freitas: 209, 213, 215
 Rivera, Primo de: 460, 464, 488
 Roçadas, Alves: 290, 373
 Rocha, Ferreira da: 446
 Rodrigues, Bettencourt: 377
 Rodrigues, José Maria: 501
 Roma: 129, 133, 138, 145, 318, 359, 368
 Roménia: 252, 263, 265, 298
 Roque, Bernardino: 225, 227
 Rosa, João Pereira da: 500
 Rosa, Sousa: 294
 Rússia: 16, 113, 200, 211, 255-6, 258-60, 262-5, 270, 288, 298, 389, 424, 430

SALANDRA, ANTONIO: 267
 Salazar, António de Oliveira: 42, 188, 202, 248, 365, 393, 486-7, 494-6, 502, 531, 562-3, 575, 578, 581-2, 587, 590-1, 593
 Salgado, Heliodoro: 68, 70, 154
 Salisbury, Lord: 28
 Sampaio, Rodrigues: 172
 Santos, Alves dos: 173
 Santos, José Domingues dos: 241, 387, 444, 446, 448, 451-3, 455-7, 459, 474-7, 480, 483, 493, 537, 543, 551, 562, 567, 576, 578, 581
 Santos, Lúcia: 142
 Santos, Machado: 49, 51, 55, 56-9, 71, 111-2, 116-7, 120, 124, 154, 157, 269-70, 276-7, 281-2, 335, 372-3, 375-8, 385, 386, 389, 393, 448, 482, 563-5, 587, 589
 Santos, Teixeira dos: 455
 São João do Tojal: 118
 São Tomé e Príncipe: 209-10, 220, 224, 513, 516, 588
 Sarajevo: 79, 260
 Sardenha, António: 487, 489, 502
 Sazonov, Sergei: 260
 Segunda Guerra Balcânica: 259, 263
 Sérgio, António: 172-3, 178, 183, 187, 451, 479, 581
 Sérvia: 113, 195, 253, 256, 259-60, 262-4, 266-7, 269, 277, 298

Sião: 253
 Silva, Alfredo da: 38, 237, 427-8, 533
 Silva, António Filipe da: 325
 Silva, António Maria da: 49, 51, 71, 200, 334, 387, 433, 445, 450-1, 463-6, 468, 470, 472, 476, 478-9, 484, 545, 550, 552, 555, 560-1, 573
 Silva, Augusto Dias da: 159, 414
 Silva, José da: 151
 Silva, Manuel Luís Coelho da: 139
 Silva, Rodolfo Xavier da: 403, 406
 Silveira, Alberto: 373
 Silveira, António Roque da: 325
 Simões, José Maria de Oliveira: 85, 91
 Simões, Nuno: 512, 520, 521
 Soares, Augusto: 272
 Soares, Mário: 574
 Sociedade das Nações: 397-9, 402, 404, 512, 516
 Sommer, Henrique: 239, 529
 Sorel, Georges: 487-8
 Sousa, António Bivar de: 501
 Sousa, Jaime de: 511
 Sousa, Manuel Joaquim de: 436-8, 440
 Sousa, Marnoco e: 385
 Sousa, Passos e: 581
 Sucena, José Rodrigues de: 492
 Suécia: 253, 266
 Suíça: 94, 134, 249, 287

TAMAGNINI, FERNANDO: 303, 318
 Tanganica (Tanzânia): 289
 Teles, Basílio: 49, 58-9, 71, 110, 169, 185, 231, 241
 Tibete: 253
 Timor: 206, 209, 513, 588
 Tirpitz, Alfred von: 255
 Torres, Pinheiro: 384
 Trás-os-Montes: 81, 130, 231
 Tratado de Bucareste: 259
 Tratado de Versalhes: 197, 397-8, 401, 403, 405-6
 Tríplice Aliança: 258, 263

ULRICH, JOÃO: 515
 Ultimatum britânico: 22-4, 27-8, 41, 44-5, 65, 71, 101, 185, 583, 587

União Agrária: 453, 500, 502
 União Católica: 143
 União da Agricultura, Comércio e Indústria: 329
 União de Sindicatos Operários (USO): 164
 União dos Interesses Económicos (UIE): 453-5, 478, 500, 502, 538, 551, 563, 578, 589
 União dos Interesses Sociais: 455
 União Fabril: 38, 428, 439, 583
 União Nacional Republicana: 107
 União Operária Nacional (UON): 121, 123, 160-7, 264, 388-90, 416, 422-9, 439, 576, 588
 União Republicana: 107, 144
 União Sagrada: 116, 120, 124, 144, 277, 278-85, 333-4, 336, 350, 352-3, 355, 366-7, 422, 465, 481, 525, 587, 595
 União Sul Africana: 505, 518-9
 Universidade de Coimbra: 122, 130, 132, 180, 188, 234, 479, 566, 585, 594
 Universidade de Lisboa: 42, 165, 182, 234, 533, 595
 Universidade do Porto: 39, 182, 234
 Universidade Livre para a Educação Popular: 183, 186, 189

Universidade Popular Portuguesa: 183, 189
 VALOIS, GEORGES: 487-8, 490
 Vasconcelos, Augusto: 106, 110
 Vasconcelos, Ernesto de: 519
 Vasconcelos, Estêvão de: 154, 329
 Vasconcelos, Faria de: 172, 183
 Vasconcelos, Henrique de: 503, 520
 Vaticano: 98, 139, 144-5, 384, 413, 575
 Veiga, Alves da: 51, 103
 Venizelos, Eleftherios: 399
 Viana do Castelo: 163
 Videira, Carrilho: 68
 Viegas, Santos: 377
 Vieira, Alexandre: 162-3, 166-7, 183, 439-40
 Viena: 211, 260
 Vilhena, Carlos: 463
 Volpedo, Giuseppe Pellizza da: 149
 Vorbeck, Von-Lettow: 293-4, 299, 400

WILSON, THOMAS WOODROW: 265, 397, 399

ZOLA, ÉMILE: 151

NOTAS BIOGRÁFICAS

ANICETO AFONSO é mestre em História Contemporânea de Portugal e investigador do Instituto de História Contemporânea (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa).

Foi director do Arquivo Histórico Militar (Lisboa) e professor de História na Academia Militar. É membro da Comissão Portuguesa de História Militar.

Escreveu, entre diversos outros títulos, *Anos da Guerra Colonial* (2009), *Portugal e a Grande Guerra* (2003) — ambos em co-autoria com Carlos de Matos Gomes —, *Portugal e a Grande Guerra, 1914-1918* (2006); *História de Uma Conspiração. Sinel de Cordes e o 28 de Maio* (2001).

SÍLVIA ADRIANA BARBOSA CORREIA é doutoranda na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa), dedicando-se ao tema *Memória da Primeira Guerra Mundial*, e é investigadora do Instituto de História Contemporânea da mesma instituição.

Tem participado — com múltiplas comunicações sobre identidade, memória e cultura de guerra no contexto da Primeira Guerra Mundial em Portugal — em encontros de âmbito nacional e internacional, nomeadamente nas Universidades de Glasgow, Manchester e Santiago de Compostela e Rio Grande do Norte.

LUÍS FARINHA é doutor em História Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa). Actualmente, é investigador integrado do Instituto de História Contemporânea da mesma universidade. Foi director-adjunto da revista *História*. Entre as suas obras publicadas, destacam-se *O Revivalho — Revoltas Republicanas contra a Ditadura e o Estado Novo, 1926-1940* (1998) e *Cunha Leal, Deputado e Ministro da República. Um Notável Rebelde* (2009).

ERNESTO CASTRO LEAL é doutor em História Contemporânea, professor associado com agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador do Centro de História da Universidade de Lisboa. Publicou, entre outros estudos, *António Ferro. Espaço Político e Imaginário Social, 1918-1932* (1994), *Nação e Nacionalismos. A Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira e as Origens do Estado Novo, 1918-1938* (1999), *Partidos e Programas. O Campo Partidário Republicano Português, 1910-1926* (2008).

ISABEL PESTANA MARQUES é mestre em História Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa), membro do Instituto de História Contemporânea da mesma instituição e do Conselho Científico da Comissão Portuguesa de História Militar. Especialista em história do século xx, é autora de *Memórias do General. «Os Meus Três Comandos» de Fernando Tamagnini* (2004), *Das Trincheiras com Saudade. A Vida Quotidiana dos Militares Portugueses durante a Primeira Guerra Mundial* (2008), bem como de outras obras de autoria colectiva, nomeadamente a *Nova História Militar de Portugal*, dirigida por M. Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira (2004). Foi galardoada com o *Prémio Defesa Nacional 1995*, pela tese de mestrado *Os Portugueses nas Trincheiras – Um Quotidiano de Guerra*, publicada em 2002.

MARIA EUGÉNIA MATA é professora associada da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa e autora de vários livros e artigos de história económica e de história do pensamento económico, publicados em Portugal e no estrangeiro. Escreveu *Câmbios e Política Cambial na Economia Portuguesa 1891-1931* (1987), *As Finanças Públicas Portuguesas da Regeneração à Primeira Guerra Mundial* (1993), *História Económica de Portugal* (1994, 2002) e *História Económica e História do Pensamento Económico* (1996) (os dois últimos em co-autoria).

FILIPPE RIBEIRO DE MENESES formou-se e doutorou-se pelo Trinity College Dublin. É autor de vários livros, incluindo *União Sagrada e Sidonismo: Portugal em Guerra, 1916-1918* (2000) e *Correspondência Diplomática Irlandesa sobre Portugal, o Estado Novo e Salazar* (2005). Lecciona no Departamento de História da National University of Ireland, Maynooth.

VÍTOR NETO doutorou-se em História Moderna e Contemporânea pela Universidade de Coimbra. É professor do Instituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras desta Universidade e investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século xx (CEIS20). Tem-se dedicado ao estudo e à investigação de temas de história político-eclesiástica, de história política e de história da cultura dos séculos XIX e XX, participando em colóquios nacionais e internacionais e publicando artigos em revistas da especialidade. De entre as suas publicações, destaque-se a dissertação de doutoramento, *O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal (1832-1911)*. Lecciona cadeiras e seminários de História Contemporânea.

DAVID OLIVEIRA RICARDO PEREIRA é mestre em História Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa). O seu trabalho de projecto intitula-se *As Políticas Sociais em Portugal (1910-1926)*, área em que prepara actualmente a tese de doutoramento em História Económica e Social Contemporânea, também na FCSH/UNL. É investigador do Instituto de História Contemporânea da mesma universidade. O seu trabalho tem incidido nas questões em torno das políticas públicas de âmbito social, privilegiando sobretudo a conjuntura do primeiro terço do século xx.

JOANA DIAS PEREIRA é investigadora do Instituto de História Contemporânea (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa) e bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito da comemoração oficial do Centenário da República. Efetuou o mestrado em História do Século XX, dedicando a sua tese ao movimento operário durante a Primeira República Portuguesa. A sua tese de doutoramento incidirá nas repercussões sociais e culturais da industrialização no distrito de Setúbal.

ANA CATARINA PINTO é formada em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa). Actualmente desenvolve o seu projecto de tese de doutoramento na área de estudos da Primeira República no pós-guerra (1919-1926).

ANA PAULA PIRES é mestre em História dos Séculos XIX e XX pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa). Tem como principais áreas de investigação a história de Portu-

gal no século xx, a história económica portuguesa contemporânea e a história da Primeira República. Integra a equipa de investigação do Instituto de História Contemporânea (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa), encontrando-se actualmente a concluir uma tese de doutoramento sobre o impacto económico e social da Grande Guerra em Portugal.

MARIA CÂNDIDA PROENÇA é investigadora do Instituto de História Contemporânea (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa). Possui o doutoramento em História Cultural e das Mentalidades dos Séculos XIX e XX, e agregação em Ciências da Educação, especialidade de Didáctica da História. Dedicar-se ao estudo e à investigação de temas relacionados com história política e da cultura e das mentalidades dos séculos XIX e XX, com a história da educação na época contemporânea e com o ensino da história nas suas perspectivas histórica e didáctica. As suas obras mais recentemente publicadas são *D. Manuel II* (2008) e *A Questão Colonial no Parlamento – 1910-1926* (2008).

ANTÓNIO REIS é vice-presidente do Instituto de História Contemporânea (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa). De entre os vários títulos de sua autoria, destacam-se *Portugal Contemporâneo, 1820-1990* (1990-1993) e *Raul Proença, Biografia de um Intelectual Político Republicano* (2003).

MARIA FERNANDA ROLLO é doutorada em História Económica e Social Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa), onde é professora no Departamento de História. É investigadora e vice-presidente do Instituto de História Contemporânea da mesma faculdade.

Tem como principais áreas de investigação a história económica portuguesa contemporânea, a história da ciência, da tecnologia e da inovação em Portugal, a participação de Portugal nos movimentos de cooperação económica europeia e a história empresarial — domínios em que tem desenvolvido e coordenado projectos de investigação vários.

Alguns dos principais textos publicados: diversos artigos de *Portugal da Monarquia para a República*, vol. XI (coord. A.H. de Oliveira Marques), «Nova História de Portugal» (dir. Joel Serrão e A.H.

de Oliveira Marques) (1991); *Portugal e o Plano Marshall. Da Rejeição à Solicitação da Ajuda Financeira Norte-americana, 1947-1955* (1994); *Um Metro e Uma Cidade. História do Metropolitano de Lisboa* (1999); *Engenho e Obra. Uma abordagem à História da Engenharia em Portugal no Século XX* (co-coord., 2002); *Momentos da Inovação e engenharia em Portugal no Século XX* (co-coord., 2004); *Memórias da Siderurgia. Contribuições para História da Indústria Siderúrgica em Portugal* (coord., 2005); *Marconi em Lisboa. Portugal na Rede Mundial de TSF* (co-autoria, 2007); *Portugal e a Reconstrução Económica do Pós-Guerra* (2007).

FERNANDO ROSAS é professor catedrático no Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa) e director do Instituto de História Contemporânea da mesma faculdade. Desenvolveu o seu percurso académico sobretudo em torno da história contemporânea e da história de Portugal no século xx.

Foi membro do conselho de redacção da revista *Penélope* e director da revista *História*.

Em 2006 foi condecorado pelo presidente da República com a Ordem da Liberdade.

Entre as obras que publicou, encontram-se: *Estado Novo nos Anos Trinta* (1986); *Portugal e o Estado Novo, 1930-1960* (coord.), vol. XII, «Nova História de Portugal» (dir. Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques) (1993); *O Estado Novo (1926-1974)*, vol. VII, «História de Portugal» (dir. José Mattoso) (1994); *Portugal Século XX, 1890-1976: Pensamento e Acção Política* (2004); *A Transição Falhada: o Marcelismo e o Fim do Estado Novo, 1968-1974* (co-coord., 2004). Com a tinta-da-china, publicou *Lisboa Revolucionária. Roteiro dos Confrontos Armados no Século XX* (2007).

MARIA ALICE SAMARA é doutoranda e investigadora do Instituto de História Contemporânea (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa). O seu trabalho tem-se focado sobre diversos temas relacionados com a Primeira República, destacando-se as seguintes obras publicadas: *Sidónio Pais*, «Fotobiografias do Século XX» (2002), *Verdes e Vermelhos. Portugal e a Guerra no Ano de Sidónio Pais* (2003, Prémio Fundação Mário Soares); *Operárias e Burguesas. As Mulheres no Tempo da República* (2007). Com a tinta-da-china, publicou *O Regicídio* (2008).

JOÃO B. SERRA é professor coordenador do Instituto Politécnico de Leiria e membro do Instituto de História Contemporânea (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa).

É autor de diversos estudos sobre história política contemporânea, versando, entre outros, os seguintes temas: Raul Proença e a Seara Nova, Bordalo Pinheiro e o imaginário nacional, o sistema político da Primeira República, os impasses do parlamentarismo, a codificação administrativa e o municipalismo da segunda metade do século xx e primeiras décadas do século xx, memória e história da Primeira República, historiografia do século xx. Foi comissário das exposições «Grandela, Grande Homem» e «José Relvas, Um Conspirador Contemplativo». É membro da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.

HISTÓRIA DA PRIMEIRA REPÚBLICA PORTUGUESA

*este livro foi composto em caracteres
Hoefler Text e impresso na Manuel
Barbosa & Filhos, em papel Coral
Book de 70 grs, numa tiragem
de 1000 exemplares, no
mês de Abril de
2011.*

